

PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

ANDRÉ GIDE

O Imoralista



cavalo de ferro

(Ao senhor D. R., presidente do Conselho.)

Sidi b. M., 30 de Julho de 189.

Sim, tinhas razão: Michel falou connosco, meu querido irmão. O relato que nos fez, deixo-o aqui. Tinha-lo pedido; eu prometera-to; mas, no momento de o enviar, ainda hesito, e quanto mais o releio, mais horrível me parece. Ah! Que irás pensar do nosso amigo? Aliás, que terei eu próprio pensado dele?... Reprová-lo-emos simplesmente, negando que se possam orientar para o bem faculdades que se manifestam tão cruéis? – Receio que mais do que um, hoje em dia, ousaria reconhecer-se neste relato. Saberemos inventar emprego para tanta inteligência e força – ou recusaremos a tudo isto o direito de cidadania?

Em que é que Michel pode servir o Estado? Confesso que o ignoro... Precisa de uma ocupação. A alta posição que te valem os teus grandes méritos, o poder que tens permitirão encontrá-la? – Apressa-te. Michel é devotado: ainda o é; em breve, sê-lo-á apenas a si próprio.

Escrevo-te sob um azul perfeito; há doze dias que Denis, Daniel e eu estamos aqui, sem uma nuvem, sem uma diminuição do sol. Michel diz que há dois meses que o céu está límpido.

Não estou triste nem alegre; o ar daqui enche-nos de uma muito vaga exaltação e faz-nos conhecer um estado que parece tão longe da alegria como da tristeza; talvez seja a felicidade.

Continuamos ao pé de Michel: não queremos deixá-lo; compreenderás porquê, se consentires em ler estas páginas; é, portanto, aqui, na sua residência, que esperamos pela tua resposta; não te demores.

Conheces a amizade de colégio, já forte mas a cada ano aumentada, que ligava Michel a Denis, a Daniel, a mim. Entre nós os quatro, foi assinada uma espécie de pacto: ao menor chamamento de um, deviam responder os outros três. Portanto, quando recebi de Michel esse misterioso grito de alarme, preveni imediatamente Daniel e Denis, e partimos os três, deixando tudo.

Há três anos que não víamos Michel. Tinha-se casado, levava a sua mulher em viagem, e, aquando da sua primeira passagem por Paris, Denis estava na Grécia, Daniel, na Rússia, e eu, retido, como sabes, junto do nosso pai doente. Contudo, não ficáramos sem notícias; mas aquelas que Silas e Will, que o tinham encontrado, nos deram não tinham podido fazer outra coisa senão deixar-nos espantados. Produzira-se nele uma alteração que ainda não conseguíamos explicar. Já não era o doutíssimo puritano de outrora, de gestos desajeitados de tão convictos, de olhares tão claros que diante deles frequentemente se detinham as nossas conversas demasiado livres. Era... mas porquê revelar-te já o que o relato te irá contar?

Envio-te então o relato tal como Denis, Daniel e eu o ouvimos: Michel fê-lo no seu terraço, onde, ao pé dele, estávamos estendidos na sombra e sob a claridade das estrelas.

No fim do relato, vimos o dia levantar-se na planície. A casa de Michel domina-a, assim como à aldeia, da qual pouco dista. Pelo calor, e com todas as searas ceifadas, essa planície assemelha-se ao deserto.

A casa de Michel, ainda que pobre e estranha, é encantadora. No Inverno, passaríamos frio, pois não há vidros nas janelas; ou melhor, não há janelas de todo, mas amplos buracos nas paredes. Faz tão bom tempo que dormimos no exterior, em cima de esteiras.

Deixa-me que te diga que fizemos uma boa viagem. Chegámos aqui ao fim do dia, extenuados pelo calor, embriagados pela novidade, tendo parado apenas em Argel, depois em Constantina. De Constantina, um novo comboio levou-nos até Sidi b. M., onde nos esperava uma carriola. A estrada acaba longe da aldeia. Esta empoleira-se no alto de um rochedo, como certos burgos da Úmbria. Subimos a pé; dois mulos levavam-nos as malas. Quando se vai por esse caminho, a casa de Michel é a primeira da aldeia. Circunda-a um jardim encerrado por muros baixos, ou melhor, uma cerca, onde crescem três romãzeiras deformadas e um soberbo loendro. Uma criança cabila estava ali e fugiu assim que nos aproximámos, escalando o muro sem qualquer cerimónia.

Michel recebeu-nos sem testemunhar alegria; muito simples, parecia recear qualquer manifestação de ternura; mas, já na soleira, abraçou gravemente cada um de nós.

Até à noite, não trocámos mais do que umas dez palavras. Um jantar quase frugal estava pronto no salão, cujas sumptuosas decorações nos espantaram, mas que o relato de Michel te explicará. Depois, serviu-nos o café que ele próprio teve o cuidado de fazer. Depois, subimos ao terraço,

de onde a vista para o infinito se estendia, e os três, semelhantes aos três amigos de Job, ficámos à espera, admirando na planície em fogo o declínio brusco do dia. Quando chegou a noite, Michel disse:

PRIMEIRA PARTE

I

Meus caros amigos, sabia-vos fiéis. Ao meu chamamento, acorreram, tal como eu teria feito ao vosso. Apesar disso, há três anos que não me viam. Possa a vossa amizade, que tão bem resiste à ausência, resistir igualmente bem ao relato que vos quero fazer. Pois se vos chamei de repente e vos fiz viajar até à minha longínqua morada, foi somente para vos ver e para que possam ouvir-me. Não quero outro socorro que não este: falar-vos. Pois estou num ponto da minha vida que já não posso ultrapassar. Porém, não é cansaço. Mas já não compreendo. Preciso de... Preciso de falar, é o que vos digo. Saber libertar-se não é nada; o que é árduo é saber ser livre. — Consintam que fale de mim; vou contar-vos a minha vida, simplesmente, sem modéstia e sem orgulho, com maior simplicidade do que se falasse comigo mesmo. Ouçam-me:

A última vez que nos vimos foi, recordo-me, nos arredores de Angers, na pequena igreja rural onde se celebrou o meu casamento. O público era pouco numeroso, e a excelência dos amigos fazia dessa cerimónia banal uma cerimónia comovente. Parecia-me que estavam emocionados, e isso emocionava-me a mim próprio. Na casa daquela que se tornava minha mulher, um curto banquete reuniu-vos connosco

ao sairmos da igreja; depois, a carruagem encomendada levou-nos, segundo o costume que associa, na nossa mente, à ideia de um casamento, a visão de um cais de partida.

Eu conhecia muito mal a minha mulher e pensava, sem sofrer demasiado com isso, que ela não me conhecia muito melhor. Casara-me com ela sem amor, muito em parte para agradar ao meu pai, que, ao morrer, se inquietava por me deixar sozinho. Eu amava carinhosamente o meu pai; ocupado pela sua agonia, não pensei, nesses tristes momentos, senão em tornar o seu fim mais suave; e assim comprometi a minha vida, sem saber o que poderia ser a vida. O nosso noivado, à cabeceira do agonizante, foi sem risos, mas não sem uma grave alegria, tão grande foi a paz que daí o meu pai obteve. Se eu não amava a minha noiva, digo-vos que, pelo menos, nunca tinha amado outra mulher. Isso bastava, aos meus olhos, para assegurar a nossa felicidade; e, ignorando-me ainda a mim próprio, acreditei dar-me todo a ela. Também ela estava órfã e vivia com os seus dois irmãos. Marceline tinha apenas vinte anos; eu tinha mais quatro do que ela.

Disse que não a amava; pelo menos, não sentia por ela nada daquilo a que se chama amor, mas amava-a, se se quiser entender por isso uma ternura, uma espécie de piedade, enfim, uma estima bastante grande. Era católica, e eu sou protestante... mas eu acreditava tão pouco sê-lo! O padre aceitou-me; eu aceitei o padre; não houve qualquer problema.

O meu pai era, como se diz, «ateu»; pelo menos é o que suponho, não tendo nunca, por uma espécie de invencível pudor de que creio bem ele partilhava, podido falar com ele acerca das suas crenças. A grave educação huguenote da minha mãe tinha-se, com a sua bela imagem, apagado

lentamente do meu coração; sabem que a perdi novo. Ainda não suspeitava do quanto essa primeira formação moral de uma criança nos domina, nem dos vincos que deixa no espírito. Essa espécie de austeridade de que a minha mãe me deixara o gosto inculcando-me os princípios, eu transferira-a toda para o estudo. Tinha quinze anos quando perdi a minha mãe; o meu pai ocupou-se de mim, apoiou-me e pôs toda a sua paixão em instruir-me. Eu já sabia bem o latim e o grego; com ele, depressa aprendi o hebreu, o sânscrito e, por fim, o persa e o árabe. Por volta dos vinte anos, estava tão preparado que ele ousou associar-me aos seus trabalhos. Divertia-se a considerar-me seu igual e quis dar-me a prova disso. O *Ensaio Sobre os Cultos Frígios*, publicado com o seu nome, foi obra minha; ele apenas o reviu; nunca nada lhe valeu tantos elogios. Ficou extasiado. Quanto a mim, fiquei confuso por veressa trapaça resultar. Mas daí em diante fiquei lançado. Os sábios mais eruditos tratavam-me como seu colega. Agora, sorrio com todas as honras que me fizeram... Assim cheguei aos vinte e cinco anos, não tendo visto quase nada senão ruínas ou livros e não conhecendo nada da vida; empregava no trabalho um fervor singular. Gostava de alguns amigos (vocês inclusive), mas mais da amizade do que deles próprios; a minha devoção por eles era grande, mas tratava-se sobretudo da necessidade de nobreza; prezava em mim todos os bons sentimentos. De resto, ignorava os meus amigos como me ignorava a mim mesmo. Nem por um momento me sobreveio a ideia de que pudesse levar uma existência diferente nem que se pudesse viver de forma diferente.

A mim e ao meu pai, bastavam-nos as coisas simples; gastávamos ambos tão pouco que atingi os meus vinte e cinco anos

sem saber que éramos ricos. Imaginava, sem pensar muito nisso, que tínhamos somente com o que viver, e ganhara, junto do meu pai, tais hábitos de poupança que fiquei quase incomodado quando compreendi que possuíamos muito mais. Estava a tal ponto distraído dessas coisas que nem mesmo depois do falecimento do meu pai, de quem eu era o único herdeiro, ganhei uma consciência um pouco mais clara da minha fortuna, mas somente aquando do contrato do meu casamento, e por constatar nessa ocasião que Marceline não me acrescentava quase nada.

Outra coisa que ignorava, talvez ainda mais importante, era a minha saúde muito delicada. Como é que poderia tê-lo sabido, não a tendo posto à prova? Tinha constipações de tempos a tempos e tratava-as negligentemente. A vida demasiado calma que levava debilitava-me e preservava-me ao mesmo tempo. Marceline, pelo contrário, parecia robusta; e que o era mais do que eu foi o que em breve descobrimos.

Na noite das nossas núpcias, dormimos no meu apartamento de Paris, onde nos tinham preparado dois quartos. Ficámos em Paris apenas o tempo necessário para as compras indispensáveis, depois fomos para Marselha, de onde embarcámos logo para Tunes.

Os cuidados urgentes, o atordoamento dos derradeiros acontecimentos demasiado rápidos, a indispensável emoção das núpcias chegando imediatamente após a emoção mais real do meu luto, tudo isto deixara-me exausto. Só já no barco pude sentir o meu cansaço. Até então, cada ocupação, aumentando-o, distraíra-me dele. O tempo livre forçado do barco permitia-me por fim reflectir. Era, parecia-me, a primeira vez.

Também pela primeira vez, consentia em ser privado durante um longo tempo do meu trabalho. Até então, apenas me concedera umas férias curtas. Uma viagem a Espanha com o meu pai, pouco após a morte da minha mãe, tinha, é verdade, durado mais de um mês; outra, à Alemanha, seis semanas; e houvera outras ainda; mas sempre viagens de estudo; o meu pai não se distraía das suas pesquisas muito meticolosas; eu, quando o não seguia, lia. E, no entanto, mal deixáramos Marselha, diversas recordações de Granada e de Sevilha se reavivaram em mim, como as de um céu mais puro, de sombras mais cordiais, de festas, de risos e de cantos. «É o que vamos encontrar», pensei. Subi à ponte do navio e vi Marselha a afastar-se.

Depois, de repente, reparei que estava a negligenciar um pouco Marceline.

Ela estava sentada na proa do navio; aproximei-me e, pela primeira vez, olhei verdadeiramente para ela.

Marceline era muito bonita. Vocês sabem-no; viram-na. Censurei-me por não o ter percebido antes. Conhecia-a demasiado bem para a ver com novidade; as nossas famílias estavam ligadas desde sempre; vira-a crescer; estava habituado ao seu encanto... Pela primeira vez, fiquei espantado, de tal modo esse encanto me pareceu grande.

Por cima de um simples chapéu de palha preto, ela deixava flutuar um grande véu. Era loura, mas não parecia frágil. A saia e a blusa, semelhantes, eram feitas de um tecido escocês que escolhêramos juntos. Eu não quisera que ela se ensombrasse com o meu luto.

Sentiu que eu olhava para ela, virou-se para mim... Até então, só tivera ao pé dela um desvelo fingido; substituía,

tanto quanto possível, o amor por uma espécie de galanteria fria que, via-o bem, a importunava ligeiramente; terá Marceline sentido, nesse momento, que a olhava pela primeira vez de uma maneira diferente? Ela, por sua vez, olhou-me fixamente; depois, com imensa ternura, sorriu-me. Sem falar, sentei-me ao pé dela. Eu vivera até então para mim, ou pelo menos de acordo comigo; casara-me sem imaginar na minha mulher outra coisa que não uma companheira, sem pensar precisamente que, com a nossa união, a minha vida poderia alterar-se. Acabava de compreender, finalmente, que o monólogo acabava ali.

Estávamos os dois sozinhos na ponte. Ela ofereceu-me o seu rosto; apertei-o suavemente contra mim; levantou os olhos; beijei-a nas pálpebras e senti, de repente, graças ao meu beijo, uma espécie piedade que acabava de se formar; preencheu-me tão violentamente que não pude reter as lágrimas.

– Mas que tens? – perguntou-me Marceline.

Começámos a falar. As suas palavras encantadoras maravilharam-me. Eu tinha as minhas ideias sobre a tolice das mulheres. Ao pé dela, nesse fim de tarde, pareceu-me que eu é que era desajeitado e estúpido.

Assim, aquela a quem eu unia a minha vida tinha a sua vida própria e real! A importância deste pensamento despertou-me várias vezes nessa noite; várias vezes me endireitei no beliche para ver, na cama de baixo, Marceline, a minha mulher, a dormir.

No dia seguinte, o céu estava esplêndido; o mar, quase calmo. Algumas conversas nada apressadas continuaram a diminuir o nosso embaraço. O casamento estava verdadeiramente

a começar. Na manhã do último dia de Outubro, desembarcámos em Tunes.

A minha intenção era ficar poucos dias por lá. Confessar-vos-ei a minha estupidez: nada nesse país me atraía, a não ser Cartago e algumas ruínas romanas: Timgad, de que Octave me falara, os mosaicos de Susa e sobretudo o Anfiteatro de El Jem, onde me propunha ir sem tardar. Era necessário, antes de mais, chegar a Susa, depois, de Susa, apanhar a carruagem dos correios; não queria, daí até lá, que mais nada fosse digno de me ocupar.

No entanto, Tunes surpreendeu-me fortemente. No contacto com essas novas sensações, comoviam-se certas partes de mim, faculdades adormecidas que, não tendo ainda servido, haviam guardado toda a sua misteriosa juventude. Eu estava mais admirado, aturdido, do que entretido, e o que sobretudo me agradava era a alegria de Marceline.

Todavia, o meu cansaço aumentava a cada dia; mas term-me-ia achado envergonhado por lhe ceder. Tossia e sentia no alto do peito um estranho desconforto. «Vamos para o Sul», pensei; «o calor vai restabelecer-me.»

A diligência de Sfax deixa Susa às oito da noite; atravessa El Jem à uma da manhã. Tínhamos reservado os lugares do *coupé*. Esperava encontrar uma carripa desconfortável; pelo contrário, estávamos bastante comodamente instalados. Mas o frio!... Por que pueril confiança na suavidade do ar do Sul, ambos levemente vestidos, leváramos apenas um xaile? Mal saímos de Susa e do abrigo das suas colinas, o vento começou a soprar. Dava grandes investidas na planície, uivava, silvava, entrava por cada fenda das portinholas; nada podia

resguardar-nos dele. Chegámos completamente enregelados, eu, além disso, extenuado com os solavancos da carruagem e com uma tosse horrível que me sacudia ainda mais. Que noite! – Chegados a El Jem, não havia albergue; no lugar dele, um horroroso *bordj*²: que fazer? A diligência tornou a partir. A aldeia estava adormecida; na noite, que parecia imensa, entrevia-se vagamente a massa informe das ruínas; os cães uivavam. Recolhemo-nos numa sala terrosa onde estavam preparadas duas camas miseráveis. Marceline tremia de frio, mas pelo menos ali o vento não nos atingia.

O dia seguinte revelou-se sombrio. Fomos surpreendidos, ao sair, por um céu uniformemente cinzento. O vento continuava a soprar, mas menos impetuosamente do que na véspera. A diligência só devia tornar a passar à noite... Foi, digo-vos, um dia lúgubre. O anfiteatro, percorrido em poucos instantes, desiludiu-me; pareceu-me muito feio debaixo do céu baço. Talvez a minha fadiga ajudasse, aumentasse o meu tédio. Lá para o meio do dia, por falta do que fazer, voltei lá, procurando em vão algumas inscrições nas pedras. Marceline, ao abrigo do vento, lia um livro inglês que por sorte levava. Fui sentar-me ao pé dela.

– Que dia triste! Não te aborreces? – perguntei-lhe.

– Não. Como vês, estou a ler.

– Que viemos fazer aqui? Pelo menos, não tens frio.

– Não muito. E tu? Mas sim! Estás tão pálido.

– Não...

À noite, o vento recuperou a força... Finalmente, a diligência chegou. Tornámos a partir.

² Local fortificado, na África do Norte, que pode servir como estalagem para caravanas, posto de defesa, etc. [N. T.]

Logo aos primeiros solavancos, senti-me destroçado. Marceline, muito cansada, depressa adormeceu no meu ombro. «Mas a minha tosse vai despertá-la», pensei, e devagarinho, devagarinho, libertando-me, inclinei-a para a cobertura da carruagem. Entretanto, eu já não tossia, não: cuspia; coisa nova; escarrava; desencadeava aquilo sem esforço; vinha aos poucos, em intervalos regulares; era uma sensação tão bizarra que ao princípio quase me divertiu, mas rapidamente fiquei agoniado com o sabor desconhecido que me deixava na boca. O meu lenço depressa ficou inutilizável. Já tinha os dedos cheios daquilo. «Acordo Marceline?...» Felizmente, lembrei-me de um grande lenço de seda que ela tinha à cintura. Devagarinho, apossiei-me dele. Os escarros que eu já não retinha vieram em maior abundância. Fiquei extraordinariamente aliviado. «Acabou-se o catarro», pensei. De súbito, senti-me muito fraco; tudo se pôs a andar à roda e julguei que ia desmaiar. «Acordo-a?...» Ah! Irra!... (Guardo, creio que da minha infância puritana, o ódio a qualquer abandono que se deva à fraqueza; mais facilmente lhe chamo cobardia.) Recobrei forças, segurei-me, acabei por dominar a minha vertigem... Julguei-me de novo no mar, e o barulho das rodas tornava-se o barulho da ondulação... Mas parara de escarrar.

Depois, caí numa espécie de sono.

Quando saí dele, o céu já brilhava com a alvorada; Marceline ainda dormia. Estávamos a chegar. O lenço de seda que eu tinha na mão era escuro, de modo que ao início não revelava nada; mas, quando voltei a pegar no meu lenço, vi com estupor que estava cheio de sangue.

O meu primeiro pensamento foi esconder aquele sangue de Marceline. Mas como? – Eu estava todo manchado; via-o

por todo o lado agora; nos meus dedos sobretudo... — «Sangrei do nariz... É isso; se ela me perguntar, digo-lhe que sangrei do nariz.»

Marceline continuava a dormir. Chegámos. Ela desceu primeiro e não viu nada. Tinham-nos reservado dois quartos. Pude precipitar-me para o meu, fazer desaparecer o sangue. Marceline não viu nada.

No entanto, sentia-me muito débil e pedi que trouxessem chá para os dois. E enquanto ela o preparava, muito calma, ela própria um pouco pálida, sorridente, veio-me uma espécie de irritação por ela não ter visto nada. Sentia que estava a ser injusto, é verdade, e dizia para comigo: «Se não viu nada, foi porque o escondi bem; não importa»; nada resultou; aquilo cresceu em mim como um instinto, invadiu-me... no fim, foi demasiado forte; já o não conseguia guardar: como que distraidamente, disse-lhe:

— Cuspi sangue, esta noite.

Ela não deu nenhum grito; simplesmente, ficou muito mais pálida, perdeu o equilíbrio, quis segurar-se e caiu pesadamente no soalho.

Precipitei-me para ela com uma espécie de raiva:

— Marceline! Marceline! Então? Que é que eu fiz? Não basta que *eu* esteja doente?

Mas eu estava, como vos disse, muito débil; pouco faltou para que também desmaiasse. Abri a porta; chamei; vieram ajudar-nos.

Na minha mala, havia, recordo-me, uma carta de apresentação dirigida a um oficial da cidade; apoiei-me nessas palavras para ordenar que procurassem o médico militar.

Entretanto, Marceline restabelecera-se; agora, estava à cabeceira da minha cama, onde eu tremia de febre. O médico

chegou, examinou-nos a ambos: Marceline não tinha nada, afirmou ele, e não se ressentia da queda; eu estava gravemente doente; mais do que isso não se quis pronunciar e prometeu voltar antes do cair do dia.

Voltou, sorriu-me, falou-me e deu-me diversos remédios. Compreendi que ele me achava condenado. — Confessar-vos-ei? Não tive qualquer sobressalto. Estava cansado. Abandonei-me, simplesmente. — «Afinal, que é que a vida me oferece? Eu trabalhara até ao fim, cumprira resoluta e apaixonadamente o meu dever. O resto... Ah! Que importa?», pensei, encontrando alguma beleza no meu estoicismo. Mas aquilo que me fazia sofrer era a fealdade daquele lugar. «Este quarto de hotel é medonho» — e observei-o. De repente, pensei que, ao lado, num quarto semelhante, estava a minha mulher, Marceline; e ouvi-a a falar. O doutor não se tinha ido embora; conversava com ela; esforçava-se por falar em voz baixa. Passou algum tempo; devo ter adormecido...

Quando acordei, Marceline estava ali. Percebi que ela tinha estado a chorar. Eu não amava suficientemente a vida para ter pena de mim próprio; mas a fealdade daquele lugar incomodava-me; os meus olhos pousavam em Marceline quase com volúpia.

Nesse momento, ao meu lado, ela estava a escrever. Achei-a bonita. Vi-a a fechar várias cartas. Depois, levantou-se, aproximou-se da minha cama, agarrou-me ternamente na mão.

— Como te sentes agora? — perguntou-me.

Eu sorri, disse-lhe com tristeza:

— Irei curar-me?

Mas ela respondeu-me logo:

– Claro que vais! – com uma convicção tão apaixonada que eu próprio, quase convencido, tive como que um confuso sentimento de tudo o que a vida poderia ser, do seu amor por ela, a vaga visão de belezas tão patéticas que as lágrimas jorraram dos meus olhos e chorei longamente sem poder nem querer desembaraçar-me delas.

Com que violência amorosa ela conseguiu fazer-me deixar Susa; rodeado de quantos cuidados encantadores, protegido, socorrido, vigiado... de Susa a Tunes, depois, de Tunes a Constantina, Marceline foi admirável. Era em Biskra que eu devia ficar curado. A sua confiança era perfeita; o seu zelo não diminuiu nem por um instante. Ela preparava tudo, geria as partidas e assegurava os alojamentos. Infelizmente, não podia fazer com que a viagem fosse menos atroz. Por várias vezes, acreditei dever parar e morrer. Suava como um moribundo, sufocava, perdia por momentos a consciência. Ao fim do terceiro dia, cheguei a Biskra como que morto.

Michel, um jovem erudito e oriundo de uma família protestante, parte para o Norte de África com Marceline, com quem se casa por conveniência. Nessa viagem de núpcias, o abismo parece instalar-se definitivamente quando Michel adoece. A convalescença é morosa; porém, com a descoberta do valor da vida e das pulsões mais inconfessáveis, transforma-se em ressurreição. Convertido a uma moral que é só sua, livre de qualquer lei, dever ou conformismo, Michel enceta uma procura pelo sentido autêntico da individualidade, cujas consequências se revelarão fatais para si e para os outros.

Publicado em 1902 e de imediato envolto em controvérsia e escândalo, *O Imoralista*, de André Gide, Prémio Nobel de Literatura, inaugura o século xx com um testemunho confessional sobre a verdade da alma e as possibilidades que operam no Homem, numa alternância devoradora entre a exigência de pureza e a satisfação de prazeres proibidos.

«O humanista tem quatro características principais: curiosidade, liberdade de pensamento, crença no bom gosto e fé na humanidade — todas elas estão presentes em Gide... O humanista da nossa era.»




E. M. Forster

«*O Imoralista* convida a um redespertar da consciência que temos dos nossos limites, a uma redefinição dos mesmos — e a um questionamento da sua razão de ser.»

The Guardian



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
  penguinlivros

ISBN 9789895649297



9 789895 649297 >